

Escrever a crise: cinco poetisas italianas na virada entre os séculos XIX e XX¹

**Patricia Peterle
Elena Santi**

Muito se escreveu sobre o ponto de vista literário da grande crise sociocultural que caracterizou a virada entre os séculos XIX e XX em contexto europeu. O mundo que está mudando rapidamente por causa das inovações tecnológicas, os sentimentos de insegurança que surgem das tensões políticas, que irão culminar em dois conflitos bélicos, ódios antissemitas e racistas que rastejam cada vez mais abertamente na política e na sociedade, e o fascismo se perfilando como ideologia política dominante na primeira metade do século XX. Da perda da auréola de Baudelaire, passando pela estética futurista, até o célebre texto de Walter Benjamin *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, são momentos fundamentais em que os artistas e intelectuais manifestam seu sentimento, ora de perda e luto, ora de entusiasmo e força, em relação às mudanças que estavam ocorrendo. Todas elas, contudo, são perpassadas por um sentimento de crise, de não aplicabilidade das categorias estéticas e valorais até então tidas como pontos de referências. O que chama atenção, nesse panorama, é o constante silenciamento da voz feminina.

A organização dessa antologia, que será publicada no Brasil ainda em 2024, com financiamento do CNPq, como parte do Projeto *Conectando Culturas* (Edital Pro-Humanidades), tem como objetivo estabelecer um diálogo com as vozes poéticas de cinco escritoras (Maria Antonietta Torriani — cujo pseudônimo é Marchesa Colombi —, Ada Negri, Amalia Guglielminetti, Maria Crisi Ginanni, Antonia Pozzi) que souberam olhar no abismo da crise e devolveram para nós uma imagem compósita e heterogênea. Temas como o casamento, a relação com o divino, a solidão amorosa, as lutas operárias, as reflexões sobre o desespero da vida, são apenas alguns dos elementos que compõem essa imagem, que se apresenta como um espelho côncavo, complementar às vozes mais conhecidas dos escritores a elas contemporâneos.

E, no fim das contas, essas vozes que vem de outro lugar, outro tempo, outro espaço, parecem dialogar profundamente com o nosso contemporâneo, com as tensões,

¹ Esses textos poéticos foram publicados pelas autoras na encruzilhada entre o século XIX e XX. Por cada poema será indicado, em rodapé, a qual obra pertencem. A organização dos textos foi feita por Patricia Peterle e Elena Santi. Para cada poema traduzido será indicado o nome da(s) tradutora(s).

as quebras, as rupturas e os traumas que caracterizam os dias de hoje. Nosso século que, ainda, parece estar com o dorso quebrado, como no célebre poema de Osip Mandelstam, se torna, nesse curto-circuito espaço temporal, se não mais claro, pelo menos com uma melhor legibilidade. O que faz dessas mulheres nossas contemporâneas? São apenas as analogias históricas? Muito além disso, esses poemas conversam conosco principalmente pela postura que essas poetisas – inéditas em português – adotaram, se inserindo no limiar, habitando a fratura. Elas são “essa fratura”, são “aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra” (Agamben, 2009, p. 61). Aqui, então, deixamos nosso convite à leitura, nossa amostra de um longo trabalho desenvolvido por várias mãos, em que o gesto da tradução se torna uma nova leitura, releitura e principalmente, um emaranhado de relações críticas, tecidas com paciência e escuta.

Como organizadoras, agradecemos todas as pesquisadoras e tradutoras das universidades de norte a sul do país, UFJF, UFSC, USP, UFBA, que aceitaram nosso convite à tradução. Como leitoras e estudiosas, acreditamos que o corpo a corpo com esses poemas enriqueça o panorama dos estudos literários. Enfim, como tradutoras, acreditamos que “a tradução é, portanto, não somente necessária, mas inevitável” (Spivak, 2005, p. 58). A necessidade e a inevitabilidade partem do pressuposto da escuta atenta e mútua, da necessidade de interação, da compreensão recíproca que passa pelo texto traduzido. No fim das contas, “O texto verbal é ciumento em relação à sua assinatura linguística, mas impaciente em relação à identidade nacional. A tradução floresce em virtude desse paradoxo” (Spivak, 2005, p. 56). Nesse encontro de épocas, mundo, séculos e lugares, há uma questão que permanece central: “nenhuma fala é fala enquanto não é ouvida. É esse ato de ouvir-para-responder que se pode chamar de o imperativo para traduzir” (Spivak, 2005, p. 58).

Os livros de casa²

Dom de casamento
Tríptico

Turim 1877
Para Maria Bonacossa

I. O livro das despesas

² Tradução de Elena Santi.

Moça, estou aqui humilhada; em meio a tanta coisa preciosa e bela, gemas que resplandecem como estrelas, graças de pérola e de ouro brilhante, e véus pitorescos à andaluza, te ofereço um dom prático, pedante, como a hipotenusa e os catetos que estuda o teu esposo. No curso aventureiro de uma vida nova como noivinha, minha amiga, escreve de manhãzinha a conta das despesas neste pequeno livro da Marquesa.

II. O livro dos endereços

Entre as coisas mais lindas nesse mundo o amor tem primazia. Mas a amizade não se distancia, ó minha menina, e ocupa o segundo. Geralmente, o casal com pensamento inebriado de um amor profundo, esquece por completo. Porém, na calma, até os contentes desejam sua gente. Pergunta, minha cara, onde mora a tua, bairro, casa, tudo; e escreve a rua numa nota coesa, neste pequeno livro da Marquesa.

III. O livro das lembranças

A vida, ó doce amiga, é a alternância de mágoas e prazeres, o casamento tem sim seus deveres... Há muitos rudes diabinhos de implicância dentro de casa, até embaixo da mesa, e que em tudo colocam discordância quando menos se pensa. Têm nome de nervos, exaltações ... e afligem corações. Conselhos subversivos... Não se atreve! Antes de tudo, pensa, amiga, e escreve o que em seu peito pesa, neste pequeno livro da Marquesa.

Irás sentir que escrevendo vai embora; com a caneta, o fel;

encontrarás nova lua de mel,
feliz se não foi afetada uma hora
por diabinhos, nervos e exaltação.
Mesmo que estejas chateada, outrora
mais belas ficarão,
após palavras duras, as carícias...
Oh, as doces delícias
que vem depois das contendas do amor!
Escreve para lembrar com fervor,
a alegria que se preza,
neste pequeno livro da Marquesa.

Greve³

Não mais, sob o Sol que esquentava e ilumina
suas cinzentas formas
respira e reboia e fuma a usina:
já é meio-dia, e a usina dorme.

Paira em toda parte a tristeza morta
do trabalho arrasado.
Nem vozes, nem tumultos o dia porta:
há um silêncio sinistro e agoniado.

Qual é, qual mesmo a bandeira fatídica
tremulante ao Sol?... - Ousa!...
Miserável greve, bem-vinda. A fábrica
escura, em seu terrível repouso

travou; e um véu de poeira jaz
por teares desertos;
subindo nos muros um mote audaz:
- Justo compenso ou braços inertes.-

Ousa!... A máquina está adormecida;
mas os limados dentes
que já trituraram mais de uma vida,
arreganham engrenagens luzentes.

Imóveis correias, um dia soltas
em seu constante giro,
soturnas pararam, como escoltas,
de sentinela, assim, sem respiro.

Tudo morto: cilindro e morsa e bilha:
não há fogo na usina,
nem água nas caldeiras. – E o Sol brilha

³ Tradução de Lucia Wataghin, Erica Salatini, Júlia Bellei Xavier, Ângela Prestes.

com seu raio irrisor, sobre a oficina;

nos pátios sombrios, sob as arcadas
passam fantasmas obscuros.
Passam larvas de ameaça rodeadas
pelo viscoso e frio horror dos muros:

se anima de repente cada coisa
e toma forma humana
e saltita, gigante e majestosa:
viva se acende cá e lá uma chama:

a máquina assume o divo aspecto
de um vândice profeta:
e ruge do motor o vasto peito,
cada barra se faz gládio de atleta:

e tudo grita: “Ó luminosa aurora,
longe não, não estás.
Por ti, quem sob ímpio açoite labora
de humana criatura poder terá:

por ti justiça, não pena, no mundo;
p’ra ti todos os olhos
para um novo ideal santo e jucundo:
por ti deleites de jovens e velhos!...

Ó torrente de amor, desce, espumante!
e do povo renascido,
na tua bendita onda marulhante,
conforta os lábios ardentes, doídos!...

Brilha no oriente o sonho de ouro
do tempo por vir: maio
dos remidos e do livre trabalho,
pedaço de céu, centelha de raio:

maio de asas e sol, mês de flores,
de beijos e canções:
não terá vencidos nem vencedores,
não terá nem servos e nem patrões.”

Superateísmo⁴

para a Marquesa Nessie Capelli, carinhosamente.

Acreditar.

⁴ Tradução de Patricia Peterle, Andreza Martins e Juliana Oliveira.

Não acreditar.

Dois estados perfeitos, definidos, normais.

Existe o ceticismo sólido, desprovido de nuances parciais, de tremores.

De acordo com essa concepção, a vida se transforma em uma grande chama na qual é preciso se aquecer o máximo possível e o mais rápido possível.

Já se sabe que acabará.

Engolir, engolir com pressa, com voracidade, avidamente, quase para sufocar o pensamento do fim certo de tudo.

Não se acredita no amor: ama-se com inconstância, menospreza-se a priori o nosso companheiro, não se acredita na amizade, ficamos de olho nos amigos com desconfiança, não se entrega a ninguém o próprio espírito e tudo o que há de vital em nós.

Não se acredita na vida: então ela é tomada quase rindo, é observada distraidamente, como um cigarro que se fuma, corromper e destruir, assim, devagar, sem profundidade.

[...]

O importante é puxar com o máximo de força possível as tragadas de fumaça, o importante é prolongar esse prazer até o fundo: o cigarro nunca é interessante por si só.

A vida é curta, mas nos diverte o suficiente, tem coisas muito belas, vamos aproveitar ao máximo... e depois...

A solidão⁵

Somos sós nesse mundo: cada um vive em meio a um deserto.

Nada pra nós é certo salvo esse vazio profundo.

E os contíguos casos dos homens, e os sonhos e as coisas são como sombras fumosas esvaindo em turvos ocasos.

Por vezes amor mediano aproxima dois solitários, ora os ilude, e ignaros e ignotos os torna estranhos.

Cada um que ama seu orgulho a sua verdade o seu erro é um triste em desterro, sobrevivente sobre um abrolho.

Se ilude ele aos primeiros afagos das ondas e do vento, mas rápido o tormento oprime no enorme outeiro.

Nem há coisa mais triste que a não preenchível lacuna, que a sombra que se aduna fosca entre quem existe e quem existe.

Neblina⁶

Se nos encontrássemos esta noite
pela alameda tensa de neblina
secariam todas as poças de água

⁵ Tradução de Elena Santi, Ana Luiza Prancic, Jéssica Trombini, Soraia Cristina Ribas Fachini Schneider.

⁶ Tradução de Patricia Peterle.

ao redor do nosso abrolho quente de terra:
e minha bochecha sobre suas roupas
seria uma doce salvação da vida.
Mas cabeças lisas de meninas
me censuram os anos: uma árvore
só me é companheira na treva chuvosa
e luzes lentas de carros me põem a temer,
temer e chamar a morte.

27 de novembro de 1973

*I libri di casa*⁷

Dono di Nozze

Trittico

Torino 1877

A Maria Bonacossa

I. Il libro delle spese

Bimba, son qui umiliata; in mezzo a tante
cose preziose e belle,
brillanti che risplendon come stelle,
vezzi di perle e d'oro sfolgorante,
e veli pittoreschi all'andalusia,
io t'offro un dono pratico, pedante,
come l'ipotenusa
ed i cateti che studia il tuo sposo.
Nel corso avventuroso
d'una vita novella da sposina,
si buona, amica, scrivi ogni mattina
il conto della spesa
in questo libriccin della Marchesa.

II. Il libro degli indirizzi

Tra le cose piú belle a questo mondo
l'amore ha li primo posto.
Ma l'amicizia non gli sta discosto,
o mia fanciulla, ed occupa il secondo.
Tropo sovente, due che hanno il pensiero
inebriato da un amor profondo,
scordano il mondo intero.
Però, tornati in calma, anche i felici
desideran gli amici.
Domanda, o cara, dove stanno i tuoi,
contrada, casa, tutto; e scrivi poi
la nota che ne hai presa,
In questo libriccin della Marchesa.

III. Il libro dei ricordi

La vita, o dolce amica, è un alternarsi
di crucci e di piaceri,
il matrimonio ha pur dei punti neri...
Son tanti irsuti spiritelli sparsi
entro la casa, fin sotto la mensa,
che in ogni cosa vogliono immischiarsi

⁷ Torriani, Maria Antonietta. *Lungo la vita*. Milão: Libreria editrice Galli, 1891.

quando meno si pensa.
Si chiaman nervi, si chiaman vapori ...
e affliggono due cori.
Sta in guardia! Dan consigli sovversivi...
Pria di seguirli, pensa, amica, e scrivi
quanto sul cor ti pesa,
in questo libriccin della Marchesa.

Vedrai che nello scrivere svapora
sotto la penna il fiele;
ritroverai la tua luna di miele,
lieta se non l'avrà turbata un'ora
di nervi, di vapori o spiritelli.
E, se pur troppo t'avran vinta, allora
ti sembreran più belli,
dopo qualche parola acerba, i baci ...
Oh ! le soavi paci
che seguon le contese dell'amore!
Scrivi, per ricordarla a tutte l'ore,
la gioia che t'han resa,
in questo libriccin della Marchesa.

Sciopero⁸

Non più, sotto il gran Sol che scalda e alluma
le sue grigiastre forme
l'opificio respira e romba e fuma:
alto è il meriggio, e l'opificio dorme.

Stagna dovunque la tristezza morta
del lavoro spezzato.
Non voci, non tumulti il giorno porta:
v'è un silenzio sinistro e disperato.

Qual mai, qual mai fatidica bandiera
sventola al Sol?... – Cencioso
sciopero, benvenuto. – Osa!... – La nera
fabbrica, nel terribile riposo

ruina pare; e un vel di polve giace
sopra i telai deserti;
e s'abbarbica ai muri un motto audace:
– O più giusto compenso, o braccia inerti. –

Osa e spera!... – Ogni macchina è sopita;
ma i ben limati denti
che forse stritolan più d'una vita,

⁸ Negri, Ada. *Tempeste*. Milão: Fratelli Treves Editori, 1895.

digrignan gl'ingranaggi rilucenti.

Immobili le cinghie, un giorno sciolte
ad incessante giro,
cupamente ristanno, al par di scòlte
in vedetta, così, senza respiro.

Tutto è spento: cilindri e morse e spole:
non fuoco a la fucina,
non acqua a le caldaie. – E splende il Sole
con baleno irrisor, su l'officina;

ma per gli androni bui, sotto le volte
striscian fantasmi oscuri.
Strisciano larve di minaccia avvolte
lungo il viscido e freddo orror de' muri:

e s'anima ad un tratto, ecco, ogni cosa,
e umana forma prende,
e sobbalza, gigante e maestosa:
viva una fiamma qua e là s'accende:

ogni macchina assume il divo aspetto
di vindice profeta:
rugge de la motrice il vaso petto,
ogni sbarra si fa gladio d'atleta:

e tutto grida: «O luminosa aurora,
non sei, non sei lontana.
Per te chi or sotto sferza empia lavora
potenza avrà di creatura umana:

per te giustizia, non pietà, nel mondo;
tutti per te gli sguardi
volti a un novo ideal santo e giocondo:
per te gioie sui bimbi e sui vegliardi!...

O fiumana d'amor, scendi, schiumante!
e un popol di risorti
ne la tua benedetta onda scrosciante
le labbra dolorose, arse, conforti!...

Già splende a l'oriente il sogno d'oro
de l'avvenire: il maggio
dei redenti e del libero lavoro,
lembo di cielo, sfavillio di raggio:

maggio d'ali e di sol, maggio di fiori,
di baci, di canzoni:

che vinti non avrà né vincitori,
che non avrà né servi né padroni.»

Superateismo⁹

alla Marchesa Nessie Cappelli teneramente.

Crede.
Non credere.
Due stati perfetti, definiti, normali.

Esiste lo scetticismo solido, privo di sfumature parziali, di tremori.
In base ad esso la vita si trasforma in una grande vampata a cui bisogna riscaldarsi il più possibile ed il più presto possibile.
Tanto si sa che finirà.
Ingoiare ingoiare in fretta con voracità, ingordamente quasi per soffocare il pensiero della fine certa di tutto.
Non si crede all'amore: si ama con leggerezza, si disistima a priori il nostro compagno, non si crede all'amicizia, ci si guarda dagli amici con diffidenza, non si abbandona ad alcuno il proprio spirito e quanto vi ha di vitale in noi.
Non si crede alla vita: allora la prende così quasi per ridere, la si osserva distrattamente, come una sigaretta che si fuma, corrompersi e distruggersi, così, piano, senza profondità. Importante è tirare con più forza possibile boccate di fumo, importante è prolungare quel piacere fino in fondo: la sigaretta non interessa mai per sé stessa.
La vita è breve, ma ci diverte abbastanza, ha delle cose molto belle, godiamole interamente... e poi...

La solitudine¹⁰

Siamo soli nel mondo: ciascun vive in mezzo a un deserto.
Nulla per noi è certo fuorchè questo vuoto profondo.

E i contigüi casi degli uomini, e i sogni e le cose
son come ombre fumose vanenti su torbidi occasi.

Talvolta amor mezzano avvicina due solitari,
li illude un'ora e ignari e ignoti li avventa lontano.

Ciascun ch'ami il suo orgoglio la sua verità o il suo errore
è un mesto viaggiatore superstite sopra uno scoglio.

S'illude egli alle prime carezze dell'onde e del vento,
ma tosto lo sgomento dello spazio enorme l'opprime.

Né v'ha cosa più triste della non colmabil lacuna,
dell'ombra che s'aduna fosca fra chi esiste e chi esiste.

⁹ Ginanni, Maria Crisi. *Il poema dello spazio*. Milão: Facchi editore, 1919.

¹⁰ Guglieminetti, Amalia. *L'insonne*. Milão: Fratelli Treves Editori, 1921.

Nebbia¹¹

Se c'incontrassimo questa sera
pel viale oppresso di nebbia
si asciugherebbero le pozzanghere
intorno al nostro scoglio caldo di terra:
e la mia guancia sopra le tue vesti
sarebbe dolce salvezza della vita.
Ma fronti lisce di fanciulle
a me rimproverano gli anni: un alber
solo ho compagno nella tenebra piovosa
e lumi lenti di carri mi fanno temere,
temere e chiamare la morte.

27 novembre 1937

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

GINANNI, Maria Crisi. **Il poema dello spazio**. Milão: Facchi editore, 1919.

GUGLIEMINETTI, Amalia. **L'insonne**. Milão: Fratelli Treves Editori, 1921.

NEGRI, Ada. **Tempeste**. Milão: Fratelli Treves Editori, 1895.

POZZI, Antonia. **Parole**. Milão: Àncora, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Tradução como cultura. Tradução de Eliana Ávila y Liane Schneider. Florianópolis, **Ilha do desterro**, n 48, 2005, pp. 41-65. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/9833>. Acesso em: 05 set. 2024.

TORRIANI, Maria Antonietta. **Lungo la vita**. Milão: Libreria editrice Galli, 1891.

Data de submissão: 25/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

¹¹ Pozzi, Antonia. *Parole*. Milão: Àncora, 2015.